

A FESTA: Símbolo e auge da oposição entre duas comunidades

Ricardo Vieira *

Uma freguesia do concelho de Pombal e Distrito de Leiria, constituída por vários lugares, acaba por ser partida em duas metades quanto à liderança política, acções e práticas sócio-económicas.

Trata-se do lugar X (metade de cima) e do lugar Y (metade de baixo). Suportam esta clivagem vários níveis, como sejam: o geográfico, o histórico, o parentesco (endogâmico no passado), e as festas que cada lugar realiza com o máximo empenho.

Os dois povoados lutaram com paus em tempos passados, proibiram casamentos entre si, disputaram a situação de várias infraestruturas a construir com fins sociais, das quais beneficiariam todos os lugares da freguesia e designadamente disputaram a localização das instalações do Banco. Enfim, têm pesado muito rigorosamente as mútuas dependências.

Outros testemunhos igualmente esclarecedores da bipartição da freguesia poderiam ainda ser referidos, tais como o exemplo de lutas rituais aquando do Carnaval e mesmo a competição nas festas anuais.

Não encontramos qualquer motivação económica que justifique o conflito que embora lactente por vezes, remonta já a longa data. Em ambos os lugares encontramos a agricultura de subsistência e também o sector operariado e industrial. Não há pois uma situação de dependência económica, tipo dominante/dominado, dum em relação ao outro.

Não encontramos um suporte económico para as rivalidades, tudo parece ser relegado para uma *"questão de prestígio"*. Resta-nos pois levantar a hipótese: os confrontos entre o lugar X e Y, desembocam numa tomada de consciência da identidade e solidariedade para cada elemento de cada lugar, pela vivência em colectivo de um problema que é gerador de reacções análogas por parte de todos os seus membros.

* Assistente da área de Ciências Sociais da Escola Superior de Educação de Leiria

O km ou km e meio que separa os dois lugares prova bem a sua proximidade, e ainda que paradoxalmente, em termos estruturais, o afastamento é óbvio. As rivalidades e os motins têm já longa existência e os factos vividos são transmitidos pela memória colectiva dos dois lugares. Podemos pois considerar as suas relações conotadas negativamente.

No entanto não se nota necessariamente o mesmo ao nível individual.

Há até relações de amizade entre indivíduos das duas localidades. Mas quando se trata do todo estrutural, que difere da soma das partes, as duas identidades surgem e opõem-se. Surge um *"nós"* face a um *"eles"*.

No fundo, a melhor maneira de transformar *"um mesmo"* (da mesma aldeia e freguesia) em *"um outro"* que se quer diferente, é vê-lo como *"inimigo"*.

O lugar X e Y interpenetram-se, diluem até por vezes a sua especificidade, mas ao nível das representações que cada um elabora do outro e de si próprio, querem-se de facto diferentes. É nítida aqui a necessidade *"do outro"* para nos identificarmos com nós próprios. A este propósito citamos um pequeno excerto dum artigo colectivo — *Espace representation et identité Regionale*, Berna, 1981, p. 111.

"A identidade das colectividades mantém-se por exclusão à proximidade, mas esta exclusão à proximidade é uma forma de integração, uma vez que ela permite ao mesmo tempo, por especificação, representar a colectividade como diferente das outras".

As oposições entre os dois lugares tomam variadíssimas designações: os de cima/os de baixo; católicos praticantes/os que não vão à missa, etc.

É também usual os membros duma das duas comunidades perguntarem pelo *"passaporte"* a um indivíduo que vem do outro lado, da outra metade, para salientar a diferenciação. Mas especifiquemos o dualismo focado, agora, ao nível da festa.

Chegado o Verão, esta freguesia, tal como outras aldeias, entra num ritmo e ambiente diferentes.

Analisaremos duas festas: a dum Santo Popular, realizada em Junho na metade de cima; a da Padroeira, em Agosto, na metade de baixo.

O Emigrante, planeia sempre as suas férias de modo a poder visitar a sua terra num destes períodos festivos.

A tradição conservou-lhe os lugares e as datas sagradas para a sua consecução.

A festa de Junho, realizada no lugar X, pelos Santos Populares, nada tem de *"religioso"*, a não ser o nome da festa e o *"nicho"* (alminhas) com o dito Santo, contíguo ao Arraial.

Começou há mais de 200 anos e reduzia-se então a umas merendeiras que eram distribuídas às pessoas no recinto da festa.

Posteriormente, a festa transformou-se, folclorizou-se até, e tornou-se um espectáculo.

Os ranchos folclóricos, as bandas de música, as variedades musicais e teatrais, os jogos, os bailes, fizeram da festa uma das mais afamadas do concelho de Pombal. A sua estrutura, o seu êxito, é a grande oportunidade do povo da metade de cima afirmar o seu prestígio e a sua superioridade perante a metade de baixo. Este último lugar não participa muito na festa, não lhe adere e poucos são os que a ela assistem. Do mesmo modo as manifestações culturais do lugar de baixo não são vividas pelos de cima.

Houve em tempos um padre que quiz mesmo acabar com a festa do lugar X, dizendo que era profana, que era de um santo, mas que nada tinha de santo. Todavia o povo e a tradição resistiram.

Por seu lado, a festa de Agosto, a festa "*religiosa*" em honra da Padroeira, tem um cariz diferente. Por outro lado ela é também muito mais nova pois a paróquia é recente. Desenrola-se obviamente junto da igreja, na metade de baixo.

A recolha dos andores faz-se com desfile de banda, com foguetes, e com o Padre que se dirige a cada lugar, onde todo o bairrismo e brio pelo seu andor o espera.

Há depois a missa, e a procissão que se inscreve em torno do adro da igreja. É com a procissão que o sagrado atinge o ponto mais alto. Tudo pára, os foguetes, a música, e impera o silêncio.

Mas o desfilar silencioso dos andores é motivo de observação cuidada dos que não perdem a oportunidade de verificar qual é o andor que transporta maior valor. Também aqui se trava a luta de poderes entre os dois lugares que se identificam com as duas metades conflituosas.

Terminada a procissão, o tempo restante é do domínio do profano. A comissão fabriqueira encarrega-se da requisição da banda, da música, dos artistas, da iluminação, do fogo, etc.

Evidentemente que todo o povo chama a esta festa, a festa religiosa. Todavia, e como diria Moisés Espírito Santo, a festa, esse ritual colectivo, é no fundo religioso por vontade da Igreja. Exceptuando a missa e a procissão, tudo o resto escapa ao padre.

Aparentemente esta romaria, a festa da Padroeira, é a festa de todos, de toda a freguesia.

Todavia a nossa interpretação, é que ela é muito mais sentida pelo lugar Y. São as pessoas deste lugar que nas vésperas se empenham em fazer as flores com que ornamentam o recinto do arraial. São também elas que montam o palco para o rancho dançar e todos os restantes preparativos.

Não será forçoso afirmarmos que tendo em conta o dualismo focado, a festa de Agosto, festa religiosa, está para a metade de baixo, tal como a de Junho, está para a metade de cima.

Isto aplica-se não só em termos físicos, espaciais, mas também estruturais. Na verdade cada um destes dois lugares tem a sua festa onde projecta o seu eu colectivo e afirma a identidade e valores próprios.

Se considerarmos a Igreja como o espaço onde a comunidade religiosa prossegue os objectivos comuns e manifesta o seu sagrado, e onde se realiza a festa de Agosto, podemos encontrar essa mesma coordenada espacial no "palco da festa de Junho" em torno do qual tudo se desenrola, na metade de cima, e onde a fusão do lúdico e do sagrado é mais igualitária. No fundo os dois lugares têm o seu espaço de tempo sagrados. Cada um tem o seu santo. Arriscamos mesmo identificar os dois lugares com dois modos de manifestação do sagrado, dois tipos de "religião": a religião institucional e a religião popular.

A Festa de cada metade, aviva anualmente o eterno conflito latente. Ela é simultaneamente o símbolo e o auge dessa oposição de duas comunidades que se querem e se pensam diferentes.

Bibliografia

- BACHELARD, Gaston, 1984, *La poétique de l'espace*, Puf, Paris
- BASSAND, Michel, 1981, *L'identité régionale*, Ed. Saint-Saphorin, Berna
- CALLOIS, Roger, 1979, *O homem e o sagrado*, Ed. 70, Lisboa
- DOISE, Willem e outros, *Psicologia Social e experimental*, Moraes Editora
- ESPÍRITO SANTO, Moisés, 1980, *Comunidade Rural ao norte Tejo*, IED, Lisboa,
1984, *A religião popular portuguesa*, Ed. A regra do jogo, Lisboa
- FAST, Julius, 1984, *A linguagem do corpo*, ed. 70, Lisboa
- FISCHER, Gustave-Nicolas, *La psychosociologie de l'espace*, "que sais je?",
Universidade de Metz, s/d
- GURVITCH, George, 1979, *Vocação actual da sociologia*, vol.I, Ed. Cosmos,
col. coordenadas, Lisboa
- SANCHIS, Pierre, 1983, *Arraial, festa de um povo*, Publicações D. Quixote,
col. Portugal de perto, Lisboa
- TOLOSANA, Carmelo Lison, "Una comunidad en busca de definicion", in
Ensayos de Antropologia Social, Madrid, editorial Aynso